

EM NOME DAS MINORIAS: LAMPIÃO DA ESQUINA E AS OUTRAS REPRESENTAÇÕES POSSÍVEIS

IN THE NAME OF MINORITIES: LAMPIÃO DA ESQUINA AND THE OTHER REPRESENTATIONS POSSIBLE

JOÃO LENON SIQUEIRA PEREIRA

Graduado em História pela UDESC (2017).

Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

RESUMO

Durante o período de redemocratização no Brasil inúmeros personagens surgiram na cena pública. Ouvia-se as vozes de diferentes sujeitos lutando por direitos coletivos e individuais e disputando espaço a partir da afirmação de suas identidades. Nesse sentido, as chamadas minorias sociais organizavam seus instrumentos de representação para que seus modos de ser e estar no mundo fossem reconhecidos e respeitados. Assim, surgiu o jornal alternativo *Lampião da Esquina* (1978-1981). Declaradamente homossexual, o impresso assumiu a luta dos grupos injustamente discriminados e abordou temáticas também ligadas às mulheres, aos negros e aos indígenas. A pretensão deste artigo é apontar o jornal como um veículo onde as representações construídas sobre as minorias se contrapõem a um histórico de violência e silenciamento, tomando possível uma outra compreensão a respeito desses sujeitos e suas demandas. A partir dos estudos de Pierre Bourdieu e Roger Chartier sobre o conceito de representação, é possível identificar o jornal como um campo fértil para a construção da história do tempo presente seguindo a voz das minorias através de um instrumento que é também uma ferramenta política.

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*; Minorias; Redemocratização; Representação;

ABSTRACT

During the period of redemocratization in Brazil, numerous characters appeared on the public scene. The voices of different subjects were heard fighting for collective and individual rights and disputing a place from the affirmation of their identities. In this sense, the so-called social minorities organized their tools of representation so that their ways of being and existing in the world were recognized and respected. Thus, the alternative newspaper *Lampião da Esquina* (1978-1981) emerged. Openly homosexual, the paper took on the struggle of groups unfairly discriminated against and addressed topics also linked to women, blacks and indigenous people. The intention of this article is to point out the newspaper as a vehicle where the representations constructed about minorities are opposed to a history of violence and silencing, making possible another understanding about these subjects and their demands. Based on the studies of Pierre Bourdieu and Roger Chartier on the concept of representation, it is possible to identify the newspaper as a fertile field for the construction of the history of the present time, following the voice of minorities through an instrument that is also a political tool.

Keywords: *Lampião da Esquina*; Minorities; Redemocratization; Representation;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 UM LAMPIÃO ESTÁ ACESO; 1.1 Nós somos minorias; 2 AS MULHERES E O FEMINISMO; 3 COMBATENDO O RACISMO; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

“Mas um jornal homossexual, para quê?”¹. Este foi o questionamento levantado no primeiro número do jornal *Lampião da Esquina*, mensário alternativo que circulou pelas bancas do país entre 1978 e 1981. Ao mesmo tempo que questionava o surgimento do veículo de comunicação, a pergunta evidenciava a identidade assumida pelo mesmo: surgia naquele momento o primeiro jornal em âmbito nacional a “abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito.”² *Lampião da Esquina* foi elaborado exclusivamente por jornalistas e intelectuais homossexuais que não creditavam à imprensa da época a representatividade necessária à questão da homossexualidade e à luta das minorias, em geral. Foi nesse sentido que os onze conselheiros responsáveis pela publicação deram um pontapé inicial em abril de 1978 e lançaram a todo o Brasil um impresso colorido, divertido, debochado e, assumidamente, político. Embora sua afirmação principal fosse em favor das sexualidades dissidentes, sob o guarda-chuva da homossexualidade, e contra a violência histórica que assolava gays, lésbicas e travestis, o jornal também se propôs a discutir a luta das outras “minorias”, como percebemos no texto em resposta à pergunta citada acima: “Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias.”³

Com uma pretensão ousada para o período, levando-se em conta a repressão ditatorial, começava ali, naquele número experimental, uma série de críticas ao governo, às esquerdas em oposição, à cultura histórica de discriminação a grupos específicos e, conseqüentemente, trabalhava-se na construção de um novo modo de representação desses grupos. Por suas abordagens, o jornal foi denunciado e chegou a responder processo por “ofensa à moral e ao pudor público”⁴, do qual foi absolvido após longa trajetória judicial. Devido suas páginas abordarem questões diretamente ligadas às sexualidades, inúmeros trabalhos de investigação, principalmente nas áreas de História e comunicação, se debruçaram sobre *Lampião da Esquina* e construíram importantes artigos, dissertações e teses que contemplam seu ineditismo, suas ações de

¹ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 02.

² RODRIGUES, Jorge C. *Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 90

³ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 02.

⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, maio 1979, n. 12, p. 03.

enfrentamento ao preconceito e o modo criativo e divertido com que descreveu as relações homossexuais. No entanto, são raros os trabalhos que cruzam a linha da sexualidade para observar o jornal através de seus outros marcadores referenciais. Como exposto acima, o desejo de falar em nome das outras minorias dimensiona sua pretensão e nos fornece um instigante problema de pesquisa: quais são as minorias que foram representadas pelo jornal? Suas 37 edições dispõem de um vasto conjunto de fontes históricas para responder a esta indagação. O objetivo deste trabalho é justamente ampliar os horizontes de possibilidades e compreender *Lampião da Esquina* como um documento de investigação para a História do Tempo Presente. Assim, o foco é localizá-lo historicamente, compreender suas intenções enquanto espaço de representação e diagnosticar quais são suas potencialidades para compreender o processo de redemocratização no país, a atuação da imprensa alternativa e a visibilidade de grupos injustamente discriminados. Como lembra Tânia de Luca, é possível que se construa uma história dos periódicos, mas também uma história a partir deles⁵. Nesse sentido, pretende-se explicitar a luta das minorias através de um instrumento de representação e os diálogos construídos entre diferentes sujeitos. Analiso as principais seções do jornal⁶ para identificar quais são as representações construídas a respeito das mulheres, dos negros e dos indígenas, constantemente lembrados como minorias ou “grupos injustamente discriminados”. Essa análise permite, entre outras coisas, afirmar que as lutas travadas à época ainda ressoam em nosso presente, evidenciando as continuidades de uma história que é, também de violência a esses grupos. Tratando-se de um período histórico cuja repressão política se fazia evidente em muitos cenários, é necessário que se compreenda o lançamento de *Lampião*, também, como uma ação de resistência. E, com isso, lembrar que as representações estão “sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.”⁷

Amparada no conceito de representação proposto por Roger Chartier e Pierre Bourdieu, esta investigação não esgota o assunto a respeito das minorias e suas relações com o jornal, mas

⁵ LUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

⁶ O jornal apresentou inúmeras seções durante os três anos de circulação. No entanto, as seções *Opinião*, *Reportagem*, *Ensaio* e *Esquina* mantiveram-se presentes do início ao fim e contemplam textos cujas discussões são bastantes profícuas e possibilitam uma investigação mais apurada sobre as posições adotadas pelo jornal. São nessas seções que se encontram grande parte de todos os materiais disponíveis no jornal a respeito dessas minorias. Por isso, a base metodológica dessa pesquisa é o recorte e análise dessas quatro seções.

⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

evidencia que “o tempo revivido pelos textos impressos se relaciona sempre à estrutura social, mesmo quando aparentemente fala do indivíduo.”⁸

1 UM LAMPIÃO ESTÁ ACESO

Historicamente, os periódicos atuaram na construção de pensamentos, hábitos e maneiras de ser e estar no mundo. No Brasil, especificamente, onde “a história do país e a história da imprensa caminham juntas”⁹, os jornais impressos contribuíram e contribuem para a atribuição de significados diversos a quem se dedica a lê-los, bem como representam estrategicamente determinados grupos e suas demandas, fatos que os mantêm posicionados frente às mais diversas e importantes questões. A compreensão de Pierre Bourdieu¹⁰ de que os agentes sociais constroem uma visão de mundo através do trabalho das representações com o objetivo de imporem uma visão de mundo que é sua, de sua posição e de sua identidade social, adquire sentido à identidade do jornal *Lampião da Esquina* quando conhecemos seus criadores e seus principais objetivos.

Lampião da Esquina emergiu na cena pública pelas mãos de jornalistas e intelectuais homossexuais descontentes com a representatividade homossexual na imprensa brasileira. A ideia de criar um jornal “homossexual” partiu do jornalista João Antônio Mascarenhas que convidou outros jornalistas homossexuais para executar a tarefa¹¹. Após conhecerem Winston Leyland, diretor jornal estadunidense *Gay Sunshine Press*, e influenciados pelas leituras deste jornal, o grupo decidiu criar uma publicação parecida onde as vozes homossexuais fossem expostas ao público leitor do país¹². Em abril de 1978, uma edição experimental chegava às bancas causando contentamento e desconforto, sensações que se seguiriam durante os próximos três anos. Na edição classificada como número zero, o conselho editorial apresentava-se. Era formado pelos jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas, pelo crítico de cinema Jean Claude Bernardet, pelo

⁸ BARBOSA, Marialva. **Senhores da memória**. 1994. p. 06

⁹ LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 08

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

¹¹ SILVA, Aguinaldo. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO da Esquina**. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

¹² **LAMPIÃO da Esquina**. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

cineasta e escritor João Silvério Trevisan, pelo artista plástico Darcy Penteado e pelo antropólogo inglês Peter Fry. Antecedendo os nomes, o enunciado:

A ideia de publicar um jornal que, dentro da imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera “não prioritários”, surgiu em novembro do ano passado e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamava de “compromisso histórico”: estava criado LAMPIÃO, e ficou decidido que os onze criadores formariam um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial desta publicação.¹³

Nas palavras de Bourdieu¹⁴, o porta voz é aquele capaz de representar o grupo, anunciando sua existência e com pleno poder de falar em nome dele. Compreende-se a expressão “compromisso histórico” através de seu significado simbólico, que era o desejo real do conselho editorial em representar, com seus textos, os sujeitos excluídos das demais publicações jornalísticas. Ao assumir este compromisso, o jornal assumiu, conseqüentemente, o título de porta-voz de um grupo específico: os homossexuais. Apesar de tal identificação, suas publicações contemplaram outros sujeitos, como pretende mostrar este texto.

Seu primeiro número contemplou dezesseis páginas, aumentando para vinte com o passar dos meses. Próprio de seu tempo, foi um jornal inteiramente datilografado. As capas, bem como todas as ilustrações eram elaboradas a partir de recortes de imagens coladas cuidadosamente para que o formato saísse preciso na impressão¹⁵. De formato tabloide, consistia em um impresso altamente colorido e imagético, o que não deixava de fora o rigor metodológico com que as matérias eram trabalhadas. Era dividido em sete seções: *Opinião*; *Ensaio*; *Esquina* (com artigos variados); *Reportagem*; *Literatura* (geralmente publicados poemas e contos); *Tendência* (divulgava obras culturais como livros, peças e exposições); *Cartas na Mesa* (eram publicadas as cartas escritas pelos leitores). A partir da edição de número cinco foi acrescentada a seção *Bixórdia* propondo apresentar as fofocas do mundo homossexual.

Para compreender o surgimento de *Lampião da Esquina*, é necessário situá-lo em seus contextos histórico, social e político. Desde 1964, o Brasil vivia sob a égide de uma ditadura sanguinolenta com conseqüências bastante danosas a diferentes setores da sociedade. Frente à

¹³ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 02.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

¹⁵ SILVA, Aguinaldo. [Entrevista concedida a] LAMPIÃO da Esquina. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

violência de estado, a oposição se organizou em diferentes frentes. Desde a luta armada no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 até a organização dos movimentos sociais na transição da década de 1970 para 1980, diversos grupos se instrumentalizaram estrategicamente para divulgar suas reivindicações e estabelecer contato com a sociedade a fim de pôr fim ao regime¹⁶. Neste cenário de guerra declarada, o jornal *Lampião da Esquina* estava inserido na chamada imprensa alternativa com objetivos bastante visíveis. Foi “graças à ditadura de 1964, que o conceito alternativo ficou associado a uma posição antigovernista generalizada”¹⁷ e os veículos que embarcaram nessa missão oposicionista foram muitos.

Para Bernardo Kucinski “a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham, e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.”¹⁸ Com o decreto do Ato Institucional de número 5, o AI-5, em 1968, que conferiu ao presidente da república poderes para a imposição de censura prévia nos veículos de comunicação, muitos dos jornais de grande circulação tiveram que lidar com a proibição de suas publicações, alguns devido a presença de censores dentro das redações, outros através da autocensura motivada pelo medo. Com isso, vários jornalistas começaram a integrar a imprensa alternativa, única possibilidade de veicular seus textos. Questões como democracia, sistema econômico e respeito aos direitos humanos mostraram-se imprescindíveis a esses profissionais que buscavam, através das publicações destoantes, erguer bandeiras escondidas ou proibidas no jornalismo tradicional. Por mais que a maioria desses veículos não tivesse um período longo de existência, alguns foram tomando fôlego com o tempo e se consolidaram na história da imprensa brasileira. De todos os jornais alternativos do período, o *Pasquim* (1969-1970) é, talvez, o mais lembrado pela historiografia devido ao alcance que teve pelas abordagens ousadas e de enfrentamento ao regime. No entanto, devido à ascensão dos estudos de gênero no país nos últimos anos, o jornal *Lampião da Esquina* adquiriu visibilidade, sendo utilizado como fonte de pesquisa em muitas investigações e citado em tantas outras.

Barros lembra da importância que tiveram os movimentos contraculturais estadunidenses na elaboração e consolidação das temáticas levantadas pelos jornais alternativos brasileiros. Para a

¹⁶ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo**. Curitiba: Juruá, 2006.

¹⁷ AGUIAR, Flávio. **Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235.

¹⁸ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: no tempo da imprensa alternativa**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 16.

autora, o movimento que deu o pontapé inicial “contrapunha-se aos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano e permitia o exercício da subjetividade e vivência das situações durante a própria reportagem.”¹⁹. Assim, a imprensa nos trópicos reagiu a uma moral conservadora que ditava normas e regras de vivências culturais e se lançou como uma contraposição aos discursos endossados pela política ditatorial e, muitas vezes, também pela grande imprensa, desta fugindo em forma e conteúdo.

A diversidade das temáticas apresentadas pelos alternativos dependeu muito do seu conselho editorial e da política adotada para o enfrentamento ao regime. No entanto, quando as discussões se deram em torno dos sujeitos discriminados, o jornal *Lampião da Esquina* é, talvez, o mais lembrado e o mais pesquisado devido ao volumoso debate que apresentou a respeito. Foi um jornal que floresceu como porta voz de identidades que puderam encontrar nele “uma nova luz nos becos escuros do preconceito”²⁰.

No momento em que diferentes grupos se unificavam em movimento a partir da afirmação da identidade – negros, mulheres, indígenas²¹ – era importante que os próprios homossexuais criassem um veículo de comunicação para que suas percepções de mundo e suas lutas políticas fossem discutidas e apresentadas ao grande público, processo com potencial para criar o que Stuart Hall denomina de “identificação politizada”²² a depender da representação que se faz. A criação do jornal *Lampião da Esquina* era uma declaração de existência: “Com licença, esquerda e direita, aqui estamos.”²³

O jornal não apenas denunciou a ausência de uma abordagem séria sobre a homossexualidade em outros veículos, tradicionais ou alternativos, como também identificou aquilo que era comum nas reportagens sobre o assunto. As críticas à imprensa pela discriminação aos homossexuais foram feitas em diferentes edições, como a realizada na edição número 04. *Lampião da Esquina* acusou o sensacionalismo do jornal *Notícias Populares* por estampar diversas reportagens com ênfase na criminalidade homossexual. Glauco Matoso, responsável pelo texto

¹⁹ BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. *Akrópolis*, Umuarama, v. 11, n. 02, abr./jun., 2003. p. 64.

²⁰ RODRIGUES, Jorge C. *Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 90.

²¹ NAPOLITANO, Marcos. *Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo*. Curitiba: Juruá, 2006.

²² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

²³ TREVISAN, João Silvério. [Entrevista concedida a] *LAMPIÃO da Esquina*. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

citou as inúmeras manchetes com apelo ao ódio e fez uma análise sobre as escolhas propositalmente que envolvem o jornalismo:

Se os fatos realmente se deram? Claro, algo serviu de ponto de partida. Ninguém vai negar que ocorram sequestros, tráfico de drogas, homicídios, casamentos. Afinal, todos somos, de alguma maneira, vítima dessas coisas. Mas a questão é que o repórter pode deturpar fatos verídicos, pode inventar fatos que não sucederam e, pior ainda, pode associar uma coisa com outra e tirar conclusões. [...] Fatos verídicos ou não, o que importa é o tratamento tendencioso que lhes é dado no texto da reportagem. [...] Expressões capciosas como “segundo se sabe” abrem caminho a generalizações simplesmente injuriosas. [...] Se a mentalidade popular é preconceituosa, a atitude de tais órgãos é muito pior, não só porque alimentam o preconceito, mas porque o exploram. Ou seja: faturam às custas dos “réus” e dos inocentes úteis que os lêem. E agora, quem é o criminoso?²⁴

Lampião da Esquina surgiu justamente para questionar as imposições heteronormativas²⁵ que sedimentavam o pensamento conservador do período e buscavam justificar a violência e o preconceito contra os homossexuais. Ele propôs como temática principal, através de uma escrita ousada que alternava seriedade e deboche, apresentar as diferentes manifestações da sexualidade humana como algo normal e prazeroso, livres de qualquer julgamento.

O preconceito contra os homossexuais é uma realidade histórica com raízes profundas em diferentes épocas e contextos. Porém, naquele momento, ele não estava localizado apenas na sociedade civil em órgãos como a imprensa, era uma violência perpetrada por uma política de Estado. A homossexualidade era vista pelo regime como “parte de uma série de ameaças degenerativas à segurança nacional anticomunista”²⁶ e precisava ser combatida em diferentes frentes. Órgãos como o Serviço Nacional de Investigação (SNI), o Departamento de Polícia Federal (DPF), a Escola Superior de Guerra (ESP), o Centro de Informações do Exército (CIE), entre outros, agiam sistematicamente para conter o avanço de “pederastas”, pois, no entendimento desses órgãos, a normatização da homossexualidade representava uma degradação moral imposta pelo

²⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro 1978, n. 04, p. 05.

²⁵ “A heteronormatividade pode ser definida como a norma que regula, justifica e legitima a heterossexualidade como uma forma de sexualidade mais natural, mais válida e mais normal em detrimento das outras, vistas como negativas e inferiores.” In: OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de gênero**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017, p. 27.

²⁶ COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar**. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 29.

Movimento Comunista Internacional que buscava nos sujeitos homossexuais mecanismos para a infiltração revolucionária no país.²⁷

O controle da sexualidade é o controle do corpo e o desejo do sujeito, o que, de certa maneira, caracteriza relações autoritárias e limita o poder de ação daquele que é subjugado. Michel Foucault escreve que “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.”²⁸ Tais estratégias podem ser percebidas neste jornal que, a partir de seus editores, utilizou o rótulo identitário da sexualidade para afirmar a existência e manifestar suas reivindicações. *Lampião* abriu fissuras naquilo que estava colocado como regra, penetrou em “regiões do discurso altamente proibidas”²⁹ e lutou não apenas contra um regime que silenciava de diversas formas grupos subalternizados politicamente, mas enfrentou avidamente os discursos da medicina que estigmatizavam os homossexuais como pessoas doentes.

Dos tratamentos dispensados às publicações, o mais emblemático é, talvez, a linguagem que adotou. Seus textos expressavam uma visão positivada a respeito de indivíduos, situações e vivências retratados como imorais e condenáveis por outros veículos, pela política de estado e pela sociedade. Se considerarmos que “as maneiras de falar não são inocentes, e a língua que se fala estrutura as representações do grupo a que se pertence ao mesmo tempo que, por um processo circular, dele resulta”³⁰, é possível afirmar que o jornal alcançou, não apenas pela técnica, mas igualmente pela linguagem, um status de formador de opinião. De acordo com os editores, o objetivo era, também, atingir a bicha do subúrbio e não apenas o gay intelectual. Para isso, a linguagem encontrada pelo corpo editorial foi de nomenclaturas conhecidas pelo universo gay underground. Bicha, boneca, veado, entendidos, “guei”, entre outras, eram palavras constantemente utilizadas pelo periódico ao fazer referência aos homossexuais.³¹ Na edição 03, Aguinaldo Silva elabora uma nota a respeito da escolha dos termos:

²⁷ COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

²⁸ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 112.

²⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014.

³⁰ PROUST, Antoine. **Social e cultural indissociavelmente**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 130.

³¹ LAMPIÃO da Esquina. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

As palavras: para quê temê-las?

[...]O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmitificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o nosso mundo e o dos outros. [...]

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc... (quanto a veado, ao vê-la escrita – ou ouvi-la – deve-se sempre lembrar o belíssimo animal que ela designa: esta palavra significa apenas isso). [...]³²

A persistência em certas terminologias pode ser compreendida como prática atuante na construção de identidades, uma vez que “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.”³³ A separação entre o “nosso mundo” e o “mundo dos outros” é colocada no texto de forma explícita, demonstrando que há uma divisão evidente entre os homossexuais e os outros e, conseqüentemente, indica a quem a nota se direcionava. E foi assim, desmistificando os sentidos pejorativos e discriminatórios que as palavras utilizadas para designar os homossexuais possuíam, que *Lampião da Esquina* possibilitou inúmeras discussões a respeito da homossexualidade.

Para construir uma identificação com grupos que pretendia representar, os conteúdos expostos no jornal foram múltiplos, mas obedeceu a uma certa lógica. Apresentava-se e discutia-se as relações homoafetivas no Brasil e no mundo. Eram traduzidos textos publicados em veículos estrangeiros, particularmente os debates em torno da sexualidade humana que aconteciam nos Estados Unidos e na Europa. Nesta mesma direção, a arte recebeu um espaço significativo nessas discussões. A seção *Tendências*, presente em todas as edições, anunciava as novidades produzidas em diferentes manifestações artísticas no mundo todo. Embora os principais anúncios e convites se dessem sobre a temática homossexual, muitas outras enunciações estiveram presentes, como, por exemplo, a arte negra e a arte feminista. Geralmente a seção escrevia críticas sobre filmes, exposições artísticas, peças de teatro e livros. Havia um espaço dedicado à literatura, onde diversos poemas e contos foram publicados, como o poema “Distância”, de Ulisses Tavares, e sua crítica social:

³² LAMPIÃO DA ESQUINA, julho/agosto de 1978, n. 03, p. 05.

³³ WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 08.

O índio não pode caçar.
O negro não pode falhar
O poeta não pode sonhar.
O homossexual não pode amar.
Das Minorias
nenhuma dessas
(consolo e esperança)
é aquela que decreta
que a maioria não pode comer.³⁴

Além do tratamento dispensado aos sujeitos que, de alguma forma, sofriam com a estigmatização de seus corpos atravessados pelo marcador da sexualidade, o tabloide buscou cumprir sua promessa inicial e abordou frequentemente assuntos relacionados ao machismo e ao racismo, formas de discriminação igualmente condenáveis. Trouxe para o centro dos textos as pautas do movimento feminista e do movimento negro que se organizavam enquanto movimentos sociais em ascensão e ajudou a denunciar a violência histórica contra as populações indígenas. É nesse sentido que suas potencialidades devem ser identificadas para a construção da História do Tempo Presente, porque estabelece ligações diretas com questões que ainda hoje se mostram visíveis em muitos aspectos da sociedade brasileira. É sabido entre os historiadores que a história não responde a uma curiosidade do passado, ela nasce de uma preocupação do presente.³⁵ Ou seja, a investigação do passado, bem como a escrita da história se dá a partir da presença de determinado passado no presente, de “um passado que não passa.”

Um dos pressupostos da História do Tempo Presente é a resposta a uma demanda social que pede o direito a memória³⁶. Se “uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada”³⁷ se faz necessária a elaboração de uma história enquanto conhecimento que reconheça a ação e o protagonismo de grupos e pessoas que se encontraram silenciados não apenas nos estudos historiográficos, mas num campo mais amplo que é a memória que se mantém de períodos da história cujas consequências são traumáticas.

Ao nos debruçarmos sobre *Lampião da Esquina*, encontramos um conjunto de documentos que provam as reminiscências daquele passado nos enfrentamentos atuais. As questões a respeito do

³⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 08.

³⁵ ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

³⁶ FERREIRA, Marieta de M. *Demandas sociais e História do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2012.

³⁷ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 98.

que é ser minoria social e os entraves encontrados para a consolidação de direitos é uma constante tanto lá quanto aqui. Essa continuidade histórica nos mostra, também, como sé possível a organização dos grupos em diferentes momentos da história, mesmo que com propósitos comuns. No jornal, identificamos como a luta no campo das representações acontece e como os sujeitos discriminados constroem suas verdades sobre si mesmos e sobre os outros, construções sempre em disputas.

1.1 Nós somos minorias

A utilização do termo “minorias” pelo jornal *Lampião da Esquina* requer atenção, pois viabilizou longas discussões a partir do entendimento que o conselho possuía a respeito do mesmo. Muniz Sodré³⁸, ao debater sobre o conceito, aponta algumas características constituintes de uma minoria: 1) Vulnerabilidade jurídico-social: um grupo que não é institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico, ou seja, vulnerável diante da legitimidade institucional e das políticas públicas; 2) Identidade *in statu nascendi*: apresenta-se na condição de uma entidade em formação que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes e, mesmo que já existente há tempo, a minoria vive de um eterno recomeço; 3) Luta contra-hegemônica: uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, sem objetivo de tomada de poder pelas armas; 4) Estratégias discursivas: as lutas das minorias são construídas através de estratégias de discurso e de ações demonstrativas, como passeatas, gestos simbólicos, jornais etc, O autor ainda acrescenta que “qualitativamente, democracia é um regime de minorias, porque só no processo democrático a minoria pode se fazer ouvir. Minoria é [...] uma voz qualitativa.”³⁹

Ao passo que diferentes movimentos se organizavam politicamente na luta por direitos durante a abertura política do país no final da década de 1970, aglutinando diferentes projetos de mudança social⁴⁰, paulatinamente iam ocupando as páginas do tabloide. De acordo com Bourdieu⁴¹ a probabilidade de mobilização em movimentos organizados, dotados de um aparelho e de um porta-voz depende da proximidade em que se encontram no espaço social. A partir da leitura do

³⁸ SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

³⁹ SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11.

⁴⁰ GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Editora Loyola. 2ª ed. 2001.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

jornal, identifica-se minorias aqueles sujeitos reféns de um sistema que pratica sistemática violência através de posições consolidadas histórica e socialmente e que invisibiliza sua atuação em espaços de representação como a própria escrita da história. Minorias, para *Lampião*, são aqueles estigmatizados e marginalizados no debate político. Daí a importância que o jornal adquire ao mapeá-los e ao escrever publicamente quais são as suas demandas, adquirindo o “poder de tornar manifestos os manifestantes porque ele é, de certa forma, o grupo que ele manifesta.”⁴² As publicações em torno do termo têm o cuidado de nomear esses sujeitos enquanto grupos e, de certa maneira, esta nomeação contribui para que o jornal mostre, de fato, quais grupos são preocupações que lhe atingem como um espaço de representação social. São estratégias, segundo Chartier⁴³, que atribuem a estes grupos um “ser apreendido” que é constitutivo de sua identidade.

Na edição número dez, por exemplo, *Lampião da Esquina* trouxe em sua capa “minorias exigem em São Paulo: FELICIDADE DEVE SER AMPLA E IRRESTRITA.”⁴⁴ A extensa discussão é aberta em reportagem com um parágrafo enfático:

O pessoal da Universidade de São Paulo foi quem quis, organizaram uma semana de minorias e tiveram que suportar, em seu auditório, uma multidão de negros, mulheres e homossexuais a apregoar que a felicidade também deve ser ampla e irrestrita (os índios, infelizmente ausentes, foram representados pelos seus procuradores habituais – os antropólogos da boa escola). LAMPIÃO esteve lá todos os dias, conferiu e atesta: as “minorias” não estão mais afim de continuar sendo o último vagão desse enorme comboio denominado “luta maior”.⁴⁵

Como em outras oportunidades, os sujeitos minoritários foram nomeados e classificados pelo jornal a partir de quatro grupos: mulheres, homossexuais, negros e indígenas. Sodré aponta, ainda, que “lugar minoritário é um *topos* polarizador de turbulências, conflitos, fermentação social. [...]. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual”⁴⁶. Mesmo que em determinadas publicações a palavra caracterizasse outros sujeitos, como a edição número 16 que escreveu sobre uma “minorias canhota”, são esses quatro grupos repetidamente apresentados como tal. O enquadramento classifica estes sujeitos enquanto pertencentes a um determinado círculo social, ou seja, a certas feições estruturais básicas nas inter-relações maioria - minoria onde é

⁴² BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 192.

⁴³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

⁴⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, março de 1979, n. 10, p. 01.

⁴⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA, março de 1979, n. 10, p. 09.

⁴⁶ SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 12.

possível verificar uma superioridade da “maioria” frente a uma minoria que é inferior quanto ao poder⁴⁷.

Ao localizar esses marcadores – a raça e o sexo – enquanto determinantes, na visão do jornal, para compor certos grupos minoritários, é possível identificar quais são as representações construídas sobre essas outras minorias. Como que o jornal abordou as mulheres, os negros e os indígenas em suas publicações? Qual foi a visibilidade disposta a esses grupos? Quais assuntos referentes a esses sujeitos foi preferência para o jornal? A seguir, algumas considerações sobre.

2 AS MULHERES E O FEMINISMO

Ao longo dos séculos, muitas mulheres, em diversas sociedades, questionaram as normas discriminatórias impostas e se lançaram em luta contra o machismo imposto, mesmo que a utilização deste termo não seja tão antiga quanto as práticas que ele representa. Viver em uma realidade cuja formação social se dá através de práticas que reproduzem uma dominação masculina que opera como um princípio universal de visão e de divisão⁴⁸, já é altamente desafiador e, até mesmo, perigoso lutar por uma emancipação que coloque em xeque tal estado de coisas. Entretanto, quando esta mesma sociedade está cercada pelo autoritarismo político personificado nas ações do Estado, os desafios se tornam visivelmente maiores. Essa era a realidade da vida e da luta das mulheres no Brasil da década de 1970, quando a ditadura militar e suas políticas repressivas de violação dos direitos humanos ditavam as regras no país.

É neste contexto que chega ao Brasil o “feminismo de segunda onda”. Segundo Joana Maria Pedro⁴⁹, o feminismo enquanto um movimento social visível tem se organizado em ondas. A primeira onda teria ocorrido no final do século XIX e início do XX, com as sufragistas lutando pelo direito de votar e serem votadas. Já o feminismo de segunda onda teria surgido após a Segunda Guerra Mundial com a luta das mulheres pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o poder patriarcal de dominação da mulher pelo homem. Diferentemente do que acontecia na Europa e nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, onde se experimentava um caldo cultural em efervescência que

⁴⁷ CHAVES, L. G. Minorias e seu Estudo no Brasil. *Revista Ciências Sociais*, vol. 2, n. 01, 1971.

⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*. Vol. 20, n. 2. Pp. 133-184. Jul/dez 1995.

⁴⁹ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*. São Paulo. v. 24. n. 1. p. 77-98, 2005.

propiciou uma revolução nos costumes e a emergência de novos movimentos sociais, no Brasil o clima era de repressão, exílio, tortura e morte. As características que compunham a essência desses movimentos nos dois hemisférios estavam intimamente ligadas ao momento político vivenciado por essas mulheres.⁵⁰

Em 1975, a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou como sendo o Ano Internacional da Mulher e o início da década da mulher, realizando uma conferência sobre o tema no México. Iniciativa esta que “apenas repercutiu o que estava acontecendo desde os anos 60 e, principalmente, no início dos anos 70, em vários países da Europa e nos Estados Unidos, onde as manifestações feministas enchiam as ruas das cidades reivindicando direitos — entre estes, o de livre disposição do corpo.”⁵¹

Celi Pinto⁵² aposta na decisão como o impulso para o “ato inaugural”. A decisão da organização repercutiu no Brasil motivando inúmeras ações protagonizadas pelas mulheres brasileiras e fazendo com que estudiosos do assunto definissem o ano como o marco inicial do feminismo no Brasil. Para Pinto⁵³, a partir da decisão “a questão da mulher ganhava um novo *status*, tanto diante de governos autoritários e sociedades conservadoras como em relação a projetos ditos progressistas que costumeiramente viam com grande desconfiança a causa feminista.” Mulheres de diferentes vertentes de pensamento político começaram a ocupar a esfera pública na luta por direitos.

Quando surgiu o jornal *Lampião da Esquina* o movimento feminista estava já consolidado em muitas frentes. Anunciada a abertura política pelo governo do general Ernesto Geisel, unia-se à luta dos direitos coletivos como a redemocratização, por exemplo, as lutas que direcionavam a busca pelos direitos individuais. Nesse campo em efervescência, questionava-se as imposições machistas que sedimentavam as diferentes sociedades há séculos. As mulheres brasileiras buscavam, com a organização de encontros, debates e atos, publicizar as questões de violência contra as mulheres e a possibilidade de existir uma outra sociedade, construída a partir da igualdade entre os sexos. Ao perceber a força desse movimento, o jornal tratou de realizar o diálogo com as

⁵⁰ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

⁵¹ PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. Vol. 26, n. 52. Dez. 2006, p. 251.

⁵² PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

⁵³ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003, p. 56.

mulheres declaradas feministas para que suas pautas também estivessem nas páginas do impresso. Desde seu primeiro número, *Lampião* mostrou-se solidário à causa e pronto para estabelecer a união entre os grupos, evidenciando seu compromisso em tornar-se instrumento de representação, também, das mulheres.

Com o título “Mulheres do mundo inteiro...”, em uma analogia à conhecida frase de Karl Marx e Friedrich Engels ao conclamarem a união dos trabalhadores, Aguinaldo Silva escreveu na edição de número zero:

Tudo começou quando Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, esteve no Brasil coletando material para uma antologia de autores homossexuais latino-americanos, a ser publicada este ano sob o patrocínio do Congresso dos Estados Unidos. As mulheres escritoras procuradas por ele reagiram de forma bastante estranha – não só deixaram bem claro que não estavam interessadas em participar da antologia, como algumas até se recusaram a falar com ele.

A ausência de mulheres em LAMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências sexuais.⁵⁴

Sobre o episódio envolvendo Leyland, entende-se que as mulheres às quais Aguinaldo Silva se refere são as mulheres lésbicas, mas quando menciona o feminismo como uma das questões a serem trabalhadas pelo jornal, a leitura do texto abre margem para que mulheres feministas, independente da orientação sexual, sintam-se convidadas a escrever nas páginas de *Lampião*. Ao afirmar que a discriminação contra as mulheres é muito mais complexa e independe de suas sexualidades, o jornal declara que a luta feminina não se condiciona às lésbicas, embora essas “não devam se furtar aos debates feministas”, mas a todas as mulheres que sofrem as consequências do machismo.

Se em seu primeiro número, o jornal não pôde contar com a participação das mulheres, o próximo lançamento trouxe, na seção *Opinião*, um artigo sobre elas e escrito por uma delas. Recuperando aquilo que foi publicado como imperativo ao jornal na edição anterior, Mariza escreve o texto “Nossas Gaiolas Comuns” e discute o que é necessário para que as relações de união e cooperação sejam de fato concretizadas na luta contra a opressão:

⁵⁴ (LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 05.

Este jornal se queixa, no seu número zero, de não haver encontrado mulheres dispostas a colaborar com ele em sua luta comum de pessoas que não aceitam ser definidas como desiguais em relação a outras pessoas. Mesmo reconhecendo que o fortalecimento de posições específicas é importante numa luta mais ampla – cujo resultado deveria poder ser o reconhecimento das diferenças, sem que isso implique em desigualdade – é importante não perder de vista este objetivo comum e talvez seja saudável tentar verificar, de vez em quando, os avanços na abertura desta estrada que tem muitas trilhas.⁵⁵

O texto ocupou toda a primeira página do impresso e, em uma proposta de reflexão sobre as lutas comuns às mulheres e aos homossexuais, sem que se esqueça das especificidades que cada grupo oprimido carrega consigo, a autora acrescenta que

[...] em termos de definições sexuais, cada uma das categorias deveria ter bem claro como se autodefine e como este enunciado dos atributos essenciais e específicos que a tornam inconfundível, ao mesmo tempo a relaciona com outras categorias sociais. [...] Seria um erro pensar que essas análises e essas lutas pudessem ser feitas isoladamente, assim como pensar na definição de categorias sexuais como um fenômeno isolado. [...] ou tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. Isto não significa esquecer a singularidade da mulher, ou de outras situações, mas implica em ter plena consciência da gaiola blusa vestida por todos nós, cada um à sua maneira.⁵⁶

O artigo escrito por Mariza é praticamente um apelo para que houvesse colaboração das mulheres com o jornal que nascia naquele momento. Ser mulher ou ser homossexual, enquadra o sujeito dentro de um grupo cujas identidades se formam a partir da identificação de que existe uma hierarquia socialmente construída e por onde diferentes formas de opressão operam. Identificar essas opressões não é suficiente para que se rompa com elas. Mais do que isso, é preciso buscar naquilo que une os grupos, modos de agir e de lutar pela liberdade. Foi nesse sentido que o jornal se tornou um espaço de representação e de resistência das mulheres, pois foi a partir do diálogo estabelecido neste início que se organizou um espaço de densas e importantes discussões ao longo dos três anos de circulação.

Como já sinalizado, analisando as principais seções de publicação, *Opinião*, *Ensaio*, *Reportagem e Esquina*, das 37 edições que foram às bancas, 26 delas trouxeram em alguma dessas

⁵⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA, maio de 1978, n. 01, p. 01.

⁵⁶ LAMPIÃO DA ESQUINA, maio de 1978, n. 01, p. 01.

seções a questão da mulher⁵⁷. A autoria dos textos que trataram a respeito das mulheres e do feminismo enquanto movimento social foi dividida entre os homens – na maioria das vezes, os próprios editores – e as mulheres convidadas, geralmente apresentadas como feministas. Se a “eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito”⁵⁸, as publicações relacionadas às mulheres dentro do jornal nos fornecem um mosaico de informações a respeito daquilo que se fala e através de quem se fala, ou seja, da autoria do texto. Tomando como princípio o entendimento de que o lugar de onde se fala opera de modo significativo na compreensão sobre o que é dito, algumas considerações a respeito de tais publicações são importantes de serem feitas.

A primeira delas é que a questão da sexualidade e da livre decisão sobre o próprio corpo da mulher foi uma constante nas publicações escritas pelas mulheres, indo ao encontro do que muitas feministas assumiam na época como uma bandeira importante e prioritária. Assim, abria-se as fissuras nos discursos do próprio feminismo que, em muitas situações, era acompanhado por integrantes de partidos políticos de esquerda cujas ideologias, nesse sentido, eram tidas como bastante conservadoras. Como lembra Celi Pinto, embora muitas feministas tivessem tido contato com os grupos e debates do hemisfério norte, onde o corpo e a sexualidade feminina eram questões importantes na luta pelos direitos das mulheres, no Brasil havia “uma tradição marxista ortodoxa muito arraigada, que via esse tipo de luta como um desvio em relação à luta fundamental do proletariado contra a burguesia.”⁵⁹ Com o tempo, tais discussões chegariam às organizações operárias e aos partidos políticos, mas não sem discordâncias, rompimentos e grandes embates, ressalta a autora. Contudo, percebe-se nas publicações que compuseram o tema sexualidade no jornal *Lampião* densas discussões, não apenas sobre tais divergências, mas ligando o prazer e a sexualidade à luta pela libertação feminina.

Sobre os textos escritos pelos homens – editores e alguns poucos colaboradores – referindo-se ao feminismo, é perceptível um posicionamento bem claro em muitas das narrativas: a

⁵⁷ Nessa contagem não estão incluídas as publicações sobre as mulheres lésbicas. Como o jornal assumiu uma identidade homossexual, as lutas das lésbicas acompanharam o jornal dentro de suas abordagens sobre a homossexualidade, tanto em publicações mais amplas quanto em publicações específicas sobre “lesbianismo”, como era mencionado pelo jornal. Os 26 textos referidos aqui trataram sobre a condição da mulher em geral, independente de sua sexualidade e, alguns deles, discutiram o movimento feminista e suas reivindicações próprias.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas; o que falar quer dizer** - 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 95.

⁵⁹ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003, p. 65.

interferência política de alguns partidos de esquerda no movimento feminista. Em março de 1980, por exemplo, aconteceu em São Paulo o II Congresso da Mulher Paulista, recebendo mais de 3000 mulheres de diferentes regiões⁶⁰. No ano anterior, *Lampião* já havia feito a cobertura jornalística do evento primeiro, cujas impressões não tinham sido nada satisfatórias. A interferência direta dos setores ditos progressistas incomodava os editores do jornal, pois viam a autonomia dos movimentos identitários, como o feminismo, ser colocada em xeque em nome de uma “luta maior”.

Ao citar a “Briga velha: esquerda maior contra esquerda menor”⁶¹, o jornalista João Silvério Trevisan condena as agressões sofridas pela mesa coordenadora do evento. “Setores da esquerda evoluíram para a manipulação organizada, chegando até mesmo à agressão física. Muitas feministas levaram porrada. [...] machões de ambos os sexos (os masculinos nem procuravam se esconder, porque afinal não se podia discriminar os homens).”⁶² Nas palavras dele, a esquerda, ali representada pelo PMDB, mostrou que jamais aceitaria divisões por lutas menores, o que importava era a questão democrática e a derrubada da ditadura. Logo, “repudiavam a própria existência do Congresso, porque não aceitam a legitimidade de um movimento de mulheres.”⁶³ Trevisan, também, alerta sobre os possíveis caminhos a serem percorridos pela esquerda brasileira, copiando, inclusive, modelos utilizados em outros países:

Na União Soviética, por exemplo, após mais de 60 anos de revolução, as temerosas feministas têm sido mandadas para as prisões (por vadiagem) ou manicômios (recuperação ‘ideológica’).

E São as feministas brasileiras que, depois de toda dedicação em mobilizar as mulheres, precisam abrir mão de suas propostas mais caras, sob pretexto de que constituem minoria. A verdade é que elas são tornadas minorias exatamente por não terem espaço para discutir o feminismo de maneira aberta e profunda, com mulheres de outros setores. Lamentavelmente, as (poucas) feministas brasileiras sempre tiveram que baixar a cabeça e bater no peito, antes de pronunciarem esse palavrão para as esquerdas: “somos feministas”.⁶⁴

A construção das coberturas jornalísticas dos eventos organizados pelas mulheres, considerados eventos feministas pelo jornal, aconteceu muito nesse sentido: lembrar a ausência do protagonismo dessas mulheres. Quando um veículo de comunicação, seja ele jornal, televisão,

⁶⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

⁶¹ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

⁶² LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

⁶³ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

⁶⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

meios eletrônicos etc, noticia algo, ele acaba formando imaginários e atribuindo significados àquilo que produz. O jornal *Lampião da Esquina* foi um dos meios de representação mais significativos para a organização de um movimento homossexual incipiente naquele momento histórico⁶⁵, logo, tentavam unir as forças e denunciar aquilo que também atacava seus objetivos. Ao denunciar os partidos de esquerdas e suas infiltrações no movimento feminista, o impresso escancarava sua indignação com as discriminações que assolavam ambos os espectros políticos, tanto direita quanto esquerda, e não abriam margem para a causa dos grupos minoritários.

Essas duas temáticas parecem as que mais se sobressaem nas redações sobre as mulheres e suas lutas. Através delas discutia-se a sexualidade feminina e as castrações ao próprio corpo milenarmente ditadas por uma sociedade machista; e através deles as coberturas de eventos com críticas contundentes à esquerda e suas práticas “reacionárias”, a ponto de o jornal publicar uma frase dita pela filósofa Marilena Chauí: “A vanguarda brasileira é moralista mesmo. Trocou o convento pela célula política.”⁶⁶. Entretanto, as mulheres e o feminismo não ficaram restritos a essas discussões, apenas. Em muitos números o jornal, através de homens e mulheres, denunciou atos machistas ocorridos em diversos espaços, divulgou inúmeros eventos feministas, apresentou substancialmente as reivindicações de diferentes “alas” do movimento e escancarou as desigualdades de condições observadas, inclusive, entre as próprias mulheres. *Lampião da Esquina* alcançou, em certa medida, as propostas apresentadas ao surgir. Com as mulheres conseguiu estabelecer diálogos e espaços para uma outra forma de se fazer representação, evidenciando que a luta de um grupo discriminado corresponde a de todos os outros.

3 COMBATENDO O RACISMO

Mesmo elaborando diferentes retóricas para reforçar o contrário, um país fundado na linguagem da escravidão está longe de ser um país cordial e tolerante, como afirma Lília

⁶⁵ GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁶⁶ LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1980, n. 23, p. 06.

Schwarcz.⁶⁷ Colônia, Império e República, em suas várias fases e faces, acompanharam a situação do negro no Brasil a partir de um olhar racializado, hierarquizado culturalmente, onde o modelo hegemônico que prescrevia os modos de ser e estar no mundo era importado de uma Europa branca e “civilizada”. Ao mesmo tempo em que foi o último país do Ocidente a pôr fim à escravidão moderna, o Brasil não deu conta de integrar essas populações a políticas públicas de justiça social. A abolição veio através de uma lei “curta e conservadora”, como apontam alguns historiadores, e, por mais significativa que seja no campo da história, não possibilitou o fim de visões e posturas racistas cunhadas séculos antes.

Desde o final da escravidão, os rumos daquele racismo institucionalizado no país percorreram diferentes discursos e práticas. Se não houve no Brasil uma segregação legalizada como o *Jim Crow* no sul dos Estados Unidos ou o *Apartheid* na África do Sul, não significa que ela aqui atuasse com menos força. Talvez aconteça em níveis até mais agressivos, porque velada e, daí, difícil de combater.

Entretanto, se a violência destinada ao negro em solo brasileiro desde sempre é uma realidade, também é possível identificar a resistência negra como uma ação que acompanha *pari passu* toda essa trajetória. Resistência essa que chega na contemporaneidade.

O ano de 1978, início de *Lampião da Esquina*, foi o ano em que se consolidou o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que mais tarde se tornaria Movimento Negro Unificado (MNU). Um fato histórico para a trajetória do Movimento Negro no Brasil, sua criação foi recebida com entusiasmo pelo jornal que tentava, assim como fez com relação às mulheres, estabelecer contato e divulgar as lutas políticas travadas pelos negros a partir desta organização. Entre diálogos e permissões, *Lampião da Esquina* foi aos poucos aderindo às questões raciais, direcionando um outro olhar para a população negra diferente daquele estigmatizado através de uma discriminação histórica. Nas edições em que a temática negra surgiu, ela foi apresentada a partir de diferentes abordagens, mas todas, sem exceção, tocam de alguma forma no racismo como um mal a ser combatido.

Em 14 edições a temática negra surgiu nas seções principais e, em muitas delas, escritas por pessoas ligadas ao Movimento Negro Unificado. Mas para que isso acontecesse foi necessária uma

⁶⁷ SHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

chamada incisiva do jornal, em uma situação semelhante àquela ocorrida com as mulheres no primeiro número.

“E o negro é ‘beautiful’?” perguntava em reportagem o jornalista João Carlos Rodrigues no mês de julho de 1979, após quase um ano sem conseguir publicar nada a respeito dos negros. E apresentava o motivo: “a forma de luta adequada ainda não surgiu.”⁶⁸ Com apontamentos sobre o histórico da cultura negra e da atuação negra no país ao longo dos anos, ele questiona a falta de um movimento de massas naquele momento histórico.

As formas mais recentes de afirmação do negro brasileiro não têm logrado entusiasmar as massas. Todas, sem exceção, não ultrapassaram elites diminutas. [...] Mesmo essas associações de elite não se entendem entre si. [...] Isso só faz atravancar o combate aos preconceitos. [...] Esse contato deve ser estabelecido de baixo para cima ou teremos apenas mais um efêmero movimento de classe média – só que dessa vez negra.

Em geral, quando uma minoria quer ser aceita pela maioria, termina adotando a moral vigente. Algo como “olhai, nós também somos cidadãos respeitáveis’...⁶⁹

Após a crítica, Rodrigues lançou a tentativa de uma união entre os dois grupos, entre os negros e os homossexuais do *Lampião da Esquina*: “Talvez seja esse rancor moralista e obsoleto que até o momento tenha mantido os negros longe de Lampião, jornal aberto a todas as minorias. [...] estamos aí! Que não se encolham por falta de convite. Sem chauvinismos.”⁷⁰ Agressivas e, ao mesmo tempo objetivas, as palavras surtiram efeito; a próxima edição traria Abdias Nascimento, um dos grandes expoentes do Movimento Negro no Brasil, sentado ao lado dos editores. A entrevista concedida por Abdias Nascimento aos jornalistas serviu como um divisor de águas na relação entre os grupos. A partir daquele instante, da edição número 15, o jornal dispôs de muito mais materiais para a construção das representações sobre a população negra e sobre a luta antirracista. João Carlos Rodrigues e João Silvério Trevisan explicam a importância de uma entrevista com Abdias Nascimento para o jornal *Lampião da Esquina*. Rodrigues expõe as razões:

O Abdias como um líder muito radical e muito influente, se o Abdias não quisesse ou se o Abdias não desse o aval, digamos assim, iria prejudicar muito a aproximação entre os lados. O Abdias foi um ato de inteligência política não só do

⁶⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA, julho 1979, n. 14, p. 08.

⁶⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA, julho 1979, n. 14, p. 08.

⁷⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA, julho 1979, n. 14, p. 08.

Lampião quanto do Abdias. Ele não teve nenhum problema, não mostrou o menor preconceito, entendeu? Foi uma entrevista.⁷¹

Abdias Nascimento percorreu, através do direcionamento da entrevista, inúmeros temas ligados à causa negra e ao Movimento Negro Unificado. Racismo, o mito da democracia racial, encaminhamentos necessários, políticas públicas, conservadorismos de direita e de esquerda foram assuntos abordados pelo ativista. A disponibilidade de Abdias foi explorada, também, para que opinasse sobre um assunto caro ao jornal *Lampião da Esquina*: a luta de todas as minorias e, a luta dos homossexuais, principalmente. João Carlos Rodrigues pergunta: “devem agir juntos?” e Abdias completa: “Claro! Às vezes os objetivos não coincidem. Mas no geral, no sentido da repressão, sim. E então o ideal é que trabalhem juntos contra ela.”⁷² Com isso, um certo alívio entre os entrevistadores, estava ali o aval a que Rodrigues se referia. Abdias era um líder conhecido e respeitado, logo, uma relação entre ele e os homossexuais do jornal seria um grande avanço para as abordagens sobre a questão negra no impresso.

A partir daquele momento, o jornal *Lampião da Esquina* trabalhou na divulgação de atos contra o racismo organizados pelos próprios negros em movimento. Foi bastante contundente nas críticas ao Estado e suas políticas legislativas racistas, assim como lembrou da importância da história e da cultura negra para a construção do Brasil, construindo, assim, outras representações sobre ser negro no país.

No combate ao racismo, também as populações indígenas foram lembradas pelo jornal. Referidos como minorias em muitas das publicações que se ativeram à temática, os índios não dispuseram do mesmo espaço que os demais grupos identitários. Apenas duas edições trataram de discutir assuntos ligados a essa população.

Na edição número 08, a reportagem denominada “Como aprender com os índios” recebeu uma breve apresentação sobre o porquê de estar sendo escrita naquele momento. Evidenciou o compromisso assumido na edição de estreia e a responsabilidade em abordar, também, a temática indígena.

⁷¹ RODRIGUES, João Carlos. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO** da Esquina. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

⁷² LAMPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 12.

LAMPIÃO da esquina, que desde o número zero apresentou-se como um jornal de minorias e destacou os índios como uma das minorias a ser prioritariamente defendidas, dá, neste número, sua contribuição à luta geral em favor da sobrevivência do índio brasileiro; mas acha que deve fazer à sua maneira, lembrando mesmo aos que se declaram partidários desta luta deve ser apresentado não como um ser mítico, o senhor da floresta, mas como um povo que tem sua cultura própria. Uma cultura cuja base principal é a harmonia com a natureza, uma harmonia tão completa que abrange o sexo: entre eles, este é fonte de alegria e prazer em todas as suas formas.⁷³

Nesta apresentação, subentende-se o foco das abordagens presentes na sequência: o sexo “alegre e prazeroso” como simbologia da harmonia cultural indígena. E essa fala, a meu ver, vai na contramão da proposta lembrada palavras antes. A descrição de uma harmonia “completa” pode remeter a um “ser mítico”, avesso a qualquer contradição nas relações com os indivíduos e com a natureza. Embora a intenção seja, de certo modo, admirável, porque pressupõe uma outra representação dos indígenas que não aquela ligada à violência e comumente apresentada nos meios de comunicação⁷⁴, os textos partem desse princípio: há uma cultura que é própria, harmoniosa, onde o sexo é prazeroso. É, basicamente, nesses pilares que se concentram a maior parte de publicações deste número. Três delas, de cinco, costuram esses temas.

Se as mulheres e os negros alcançaram espaço e representação nas páginas do *Lampião*, com os indígenas não aconteceu do mesmo modo. Em um momento histórico onde eles também se organizavam em movimento denunciando o extermínio perpetrado desde o início da colonização e lutando pela garantia de direitos, muito tinha a se falar sobre os índios, ou melhor, a perguntar a eles.

As mobilizações, que alcançaram diferentes espaços e conquistaram direitos fundamentais como as próprias garantias constitucionais em 1988, revelavam, nas palavras de Daniel Munduruku⁷⁵, o “caráter educativo” do movimento indígena. No entanto, apesar do Movimento e de inúmeras discussões envolverem esses sujeitos no período da redemocratização, as aparições no jornal se resumem à textos escritos por antropólogos e estudiosos. Apesar das pretensões expostas, a presença indígena nas páginas do jornal foi bastante limitada.

⁷³ LAMPIÃO DA ESQUINA, janeiro de 1979, n. 08, p. 05.

⁷⁴ MELO, Patrícia Bandeira. *O índio na mídia: discurso e representação social*. 2003.

⁷⁵ MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Não cabe aqui condenar o jornal, seu trabalho contribuiu muito para os debates a respeito das minorias em um momento de grande efervescência social e política. O que é válido lembrar é que, mesmo um jornal alternativo com objetivos evidentes de falar em nome de todos os grupos injustamente discriminados, não conseguiu abarcar todos eles, e isso fornece combustível a uma outra problemática, a da invisibilidade de alguns sujeitos.

CONCLUSÃO

Na concepção de Chartier, “as representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”⁷⁶ A partir dessa compreensão é possível identificar as pretensões do jornal, bem como suas ações em direção a um objetivo bastante claro: visibilizar os grupos que estavam submetidos a uma discriminação histórica, os quais o jornal apresentou como minorias. O conceito de minorias sociais aparece no jornal a partir da identificação de que existem grupos à margem do debate político e, conseqüentemente, silenciados nos espaços de representação. Nesse sentido é que o jornal propõe uma nova forma de divulgação jornalística, aliada às causas essenciais dos movimentos sociais em ascensão naquele momento histórico.

A prática da homossexualidade foi combatida pelo regime militar, assim como a afirmação de outras lutas identitárias.⁷⁷ Entretanto, mesmo com a violência de Estado e a moral conservadora da sociedade, um jornal autodeclarado homossexual foi capaz de viabilizar discussões políticas que enfrentavam não somente a política vigente, mas, inclusive, setores considerados progressistas. E construiu pontes para que outros grupos pudessem, ao menos naquele momento e naquele espaço, ter direito à voz.

Toda relação possui seus conflitos e interesses que divergem, e isso pode ser percebido em muitas das publicações redigidas no jornal *Lampião da Esquina*. Porém, apesar disso, houve espaço para contemplar debates importantes tanto para o movimento negro quanto para o movimento

⁷⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁷⁷ COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

feminista. Se para os indígenas o espaço ocupado foi menor, isso não perde de modo algum a significância e a seriedade com que se falou a respeito.

O que pretendi com esse texto foi mostrar que, mesmo em um período de repressão política, a resistência acontecia a partir de muitas frentes e os diálogos estabelecidos entre os grupos mostram os mecanismos utilizados na construção de uma luta que diz respeito a todos. Essas breves considerações a respeito desses grupos e sua presença no jornal não esgotam as possibilidades de pesquisa com o recorte “o jornal e as minorias”; ao contrário, sinaliza que é possível realizar inúmeros trabalhos historiográficos a partir dele. *Lampião da Esquina* se constitui como um conjunto documental valioso para a construção da história do tempo presente, visto que muito do que se lia em suas páginas há 40 anos atrás ainda são questões que, de algum modo, continuam a assombrar nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza, e LUCA, Tania Regina de. (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. (231-247).

BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. In: **Dialética do jornal: entre lembrar e esquecer, hierarquia**. 1994.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. **Akrópolis**, Umuarama, v. 11, n. 02, abr./jun., 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A dominação masculina. **Educação & Realidade**. Vol. 20, n. 2. Pp. 133-184. Jul/dez 1995.

_____. **A economia das trocas linguísticas; o que falar quer dizer** - 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, L. G. Minorias e seu Estudo no Brasil. **Revista Ciências Sociais**, vol. 2, n. 01, 1971.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

FERREIRA, Marieta de M. Demandas sociais e História do Tempo Presente. In: VARELLA, Flávia Florentino et al. (Orgs.). Tempo presente e usos do passado. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola. 2ª ed. 2001.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: no tempo da imprensa alternativa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LAMPIÃO da Esquina. Direção de Livia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Patrícia Bandeira. **O índio na mídia: discurso e representação social**. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271909917_O_INDIO_NA_MIDIA_DISCURSO_E_REPRESENTACAO_SOCIAL.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo**. Curitiba: Juruá, 2006.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de gênero**. Salvador, BA: Devires, 2017.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. Vol. 26, n. 52. Dez. 2006.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo. v. 24. n. 1. p. 77-98, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PROUST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli: **Para uma história cultural**, Lisboa: Estampa, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, João Carlos. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO** da Esquina. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

RODRIGUES, Jorge C. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2015. 90

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Aguinaldo. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO** da Esquina. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. Org. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

TREVISAN, João Silvério. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO** da Esquina. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em: 01/06/2019 / Aprovado em: 02/03/2019